

rabisco@rabisco.com.br



ABRAM ALAS PARA BRIDGET JONES

Ela está de volta mais balzaquiana, britânica, gordinha, fumante e atrapalhada do que nunca

NUVEM PASSAGEIRA

Como explicar o fenômeno dos artistas de um sucesso só?

REALEST NIGGAS

Chamar As branqueias de racista é tão pouco criativo quanto suas piadas

BIENAL PROMOVE DISCUSSÃO SOBRE JORNALISMO CULTURAL

Seminário debate papel do jornalista e do crítico de arte na veiculação da cultura para a população

PLAY IT AGAIN, REAGAN...

Algumas das mais inspiradas combinações de ator e personagem do cinema aconteceram por acaso

BRANCALEONE REVISITADO

Clássico de Mario Monicelli é uma sátira à histórias de cavalaria e autoritarismo político

MADAME BOVARY

Mulher de fases do século XIX

Recentemente

Quando vale a pena expor nossa orientação sexual? Quem tem direito de conhecê-la?

Aquarela

Livro de relatos de Frida Kahlo serve para amenizar crises de diário-coluna

Caderno Zero

Caderno Zero apura as condições de dois estádios paulistas, a relação com cambistas e compara o tratamento dado aos torcedores

Latim em Pó

Álvares de Azevedo foi um antecipador de elementos modernos da poesia brasileira

Busca

OK

Picosearch

5 a 19 de dezembro a 2004

[Equipe](#) | [Edições Anteriores](#)

ABRAM ALAS PARA BRIDGET JONES

Ela está de volta, mais balzaquiana, britânica, gordinha, fumante e atrapalhada do que nunca

por Fábio Freire (mailto:fabio_fcosta@hotmail.com)



uem diria que uma balzaquiana estabanada, fumante inveterada, meio alcoólatra, rechonchuda e com um perfeito sotaque britânico fosse virar um sucesso cinematográfico e ainda ganhar uma continuação milionária? Bridget Jones não só conseguiu o feito, como o fez com louvor. Depois de sua estréia no alto astral *O Diário de Bridget Jones*, a personagem está de volta com o não menos divertido *Bridget Jones: No Limite da Razão*, adaptação do best seller homônimo da mesma autora do primeiro livro, a inglesa Helen Fielding.

Depois de sobreviver às confusões amorosas da primeira produção, Bridget (Renée Zellweger) continua às voltas com o charmoso Mark Darcy (Colin Firth) e o canastrão e quase tarado Daniel Cleaver (Hugh Grant). No meio do tiroteio de juras de amor e encrencas vividas pela protagonista, estão seus amigos (que, aqui, ganham mais espaço) e os pais da moçoila (que, uma pena, aparecem bem menos). A trama é simples, mas bastante eficiente. Cansada de ser feliz e manter uma relação perfeita, Bridget começa a colocar caraminholas na cabeça e desconfiar de Mark, que de príncipe encantado é reduzido à categoria de sapo. Claro que o casal de pombinhos briga, se separa e a desolada Bridget começa a ser cercada por um Daniel Cleaver a fim de tirar o atraso.

Nada muito diferente, convenhamos, de *O Diário de Bridget Jones*. Algumas cenas parecem até plágio (como a briga entre Mark e Daniel), mas quem se importa? *Bridget Jones: No Limite da Razão* é por vezes engraçado, melancólico e funciona às mil maravilhas. Graças a um roteiro esperto e escrito a oito mãos (a própria autora Helen Fielding, o expert em comédias românticas Richard Curtis, Andrew Davis e Adam Books),



um elenco afiado e a direção ágil de Beeban Kidron, o filme não macula a imagem doce e cativante da Bridget Jones que conhecemos. A prova é tanta que, independente da mudança na direção e da substancial injeção de grana no orçamento, a continuação mantém o mesmo espírito do primeiro filme, não deixando que a personagem saia do foco.

E Bridget Jones é a alma da produção. Atrapalhada e até meio por fora do que está acontecendo ao seu redor, ela conquista Mark, Daniel, suas colegas de prisão (isso mesmo, Bridget vai parar em uma cadeia tailandesa), uma lésbica e, claro, o público. As razões são simples. Bridget é humana, de carne e osso e cheia de defeitos. Ao contrário das heroínas das comédias românticas hollywoodianas, ela tem umas gordurinhas a mais, não sabe se maquiar ou se pentear e ainda fala mil abobrinhas, sempre metendo os pés pelas mãos e deixando a todos, inclusive a si mesma, constrangidos. Impossível não querer abraçá-la e oferecer-lhe conforto. Reneé Zellweger entende o espírito da coisa e nos brinda, mais uma vez, com uma atuação impecável, com um ótimo *timing* para a comédia. Colin Firth e Hugh Grant não ficam atrás. O primeiro é a personificação da elegância e charme, mesmo que, às vezes, pareça um pouco arrogante. Já Grant interpreta a si mesmo, sempre com um esnobe ar britânico que deixa o público feminino (e masculino) babando.



A direção de Beeban Kidron (do insossô *Romance de Outono* e do engraçadinho *Para Wong Foo, Obrigado Por Tudo! Julie Newmar*) também é exemplar, segurando algumas falhas de ritmo (apesar de render bons momentos, a passagem pela prisão na Tailândia funciona como anticlímax) e compondo cenas ora cômicas (a viagem alucinógena de Bridget é simplesmente hilária), ora

sensíveis (o belo passeio que a câmera dá sob os telhados de Londres após o rompimento de Bridget e Mark). Talvez a diretora tenha exagerado um pouquinho no uso da trilha sonora, deixando o final com uma indesejável cara de videoclipe. Mas isso é apenas um porém, ainda mais porque a produção tenta fugir a todo custo do rótulo de “filme de menininha” tão comum ao gênero. Quem sai ganhando é o público que pode apreciar um longa inteligente, engraçado e que sabe fazer bom uso de vários estereótipos sem ofender ninguém. E que venha mais Bridget Jones, seja saltando de pára-quedas, esquiando ou virando heroína de filme de ação.